



ENTRE TRILHAS E TÊSSITURAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Uma proposta de sequência didática para a Educação
Profissional e Tecnológica

TUEÇA ÉRICA DOS SANTOS
FRANCISCO VANDERLEI FERREIRA DA COSTA

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Origem do trabalho: sequência didática produzida em conjunto com a dissertação A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: omnilateralidade e formação leitora de alunos do Ensino Médio Integrado do IFPI – Campus Paulistana.

Área de conhecimento: Ensino

Público Alvo: Professores de Língua Portuguesa da Rede Federal de Ensino.

Autora

Tueça Érica dos Santos

Orientador

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa

Diagramação e finalização:

InMotion Publicidade e Propaganda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

E61 Entre trilhas e tessituras do letramento literário: uma proposta de sequência didática para a Educação Profissional e Tecnológica [Sequência Didática]. / Tueça Érica dos Santos, Francisco Vanderlei Ferreira da Costa. – Salvador-BA : Instituto Federal da Bahia – [Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT], 2021.

32 p. : il. (color.)

[Sequência Didática - produto da Dissertação]

1. Ensino - Literatura. 2. Sequência Didática. 3. Texto Literário – Letramento. 4. Educação Profissional e Tecnológica.. I. Santos, Tueça Érica dos. II. Costa, Francisco Vanderlei Ferreira da. III. Título.

CDD 801.959

Neuda Fernandes Dias – CRB3/1375



Olá, professor(a)!
Eu sou Tueça, professora
de Língua Portuguesa,
e irei guiá-los nesse
percurso!

Vamos lá?!

Apresentação

Caro(a) professor(a) de Língua Portuguesa, este material foi elaborado para auxiliar o seu trabalho com o texto literário em sala de aula. Ele foi pensado partindo do pressuposto de que o papel do docente deve ir além do repasse de conteúdos ou teorias. Mais que isso, é preciso garantir o questionamento constante dos processos que formam o aluno. O resultado disso deve refletir uma prática docente que leve o educando à reflexão e à construção crítica do pensamento. O trabalho com os gêneros textuais, por exemplo, pode ser uma alternativa viável para tal. Por isso, escolhemos para a nossa sequência didática um conto, uma crônica e uma poesia.

Moura (2013) destaca que a reflexão deve constituir-se como uma busca de caminhos que resultem em conhecimento sólido e promoção do sujeito por meio do seu trabalho, superando as práticas vazias e as teorizações retóricas, caminhos esses que devem ser evitados. Nesse contexto, insere-se a noção de professor reflexivo, que busca estabelecer conexão entre o que ensina e a vivência dos alunos. Acreditamos, portanto, que o trabalho com a literatura pode promover essa discussão em um contexto de busca de superação da dicotomia (tão presente no ensino profissionalizante) entre teoria e prática através da dialética histórica dessa modalidade de ensino.

Associar as bases da EPT à prática em sala de aula, especialmente a partir do texto literário, requer o olhar inovador do professor e, principalmente, um pensamento reflexivo. Zabala (1998) compreende bem esta questão, quando diz que o professor que modifica sua prática docente na tentativa de resolver algum problema prático, depois de uma apurada avaliação, está adotando uma estratégia de mudança que precede o desenvolvimento da compreensão. É, portanto, o início da reflexão.

O texto literário, especialmente os gêneros conto, crônica e poesia, propicia um ambiente de ensino reflexivo, que pode resultar em uma atuação profissional baseada no pensamento prático com capacidade reflexiva. Com isso, compreendemos que os efeitos educativos dependem da interação complexa de todos os fatores que se inter-relacionam nas situações de ensino, assim como elencados por Zabala (1988): tipo de atividade metodológica, aspectos materiais da situação, estilo do docente, relações sociais e culturais, etc.

Enfim, apesar da BNCC e outros documentos legais que regem atualmente o ensino brasileiro – partimos do pressuposto de que a literatura tem um espaço ainda menor na sala de aula da educação profissional, por conta do alto número de disciplinas técnicas – a disciplina de literatura tem perdido espaço no currículo, interferindo negativamente na formação do aluno, quadro este que pode ser modificado caso haja sensibilidade e trabalho árduo por parte do professor, além de que este deve fazer uma escolha coerente de seus métodos de ensino, sendo, portanto, a Sequência Didática (SD) uma das mais adequadas para a construção de pensamento crítico e processo de reflexão do indivíduo.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
-----------------	---

UNIDADE DE ESTUDO 1 - PROPOSTA DE ATIVIDADE COM O CONTO “BEIRA-RIO”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	10
--	----

UNIDADE DE ESTUDO 2 - PROPOSTA DE ATIVIDADE COM A CRÔNICA “OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO”, DE VINICIUS DE MORAES.....	18
---	----

UNIDADE DE ESTUDO 3 - PROPOSTA DE ATIVIDADE COM O POEMA “TRABALHAR CANSA”, DE ODILON MACHADO DE LOURENÇO.....	22
---	----

RESULTADOS ESPERADOS.....	26
---------------------------	----

DICAS COMPLEMENTARES.....	27
---------------------------	----

REFERÊNCIAS.....	31
------------------	----



Introdução

A partir do pensamento de Zabala (1998) destacado acima, refletimos que a forma em que o professor opta por trabalhar uma determinada atividade em sala, determina de maneira significativa o tipo e as características de ensino. Por isso, optamos por trabalhar a sequência didática, que surge nesse contexto como uma nova possibilidade de análise voltada para a prática, que permite o estudo e a avaliação sob uma perspectiva processual, que inclua as fases de planejamento, aplicação e avaliação.

Corroborando com o citado acima, Morelati et al. (2014) aborda que a forma como o professor escolhe as atividades propostas, a maneira como elas se situam e se articulam, o papel que se atribui a professores e alunos e à dinâmica grupal, e o tipo de relações que se estabelecem na sala de aula diferenciam as propostas didáticas e determinam características diferenciais da prática educativa.

Isso quer dizer que, não basta o professor levar um texto para ser trabalhado em sala sem que haja ligação com a formação dos alunos. Um exemplo, inclusive objeto de estudo dessa pesquisa, é que os textos literários trabalhados em sala de aula com os alunos do curso técnico de Agropecuária devem ser contextualizados para a formação deles, produzindo pensamento crítico, inclusive acerca do processo de trabalho e da educação, a ponto de o aluno fazer uma reflexão em torno de sua experiência. A sequência didática, nesse caso, seria um instrumento aliado ao professor na construção do pensamento crítico do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem.

No que concerne à conceituação de sequência didática (doravante SD) adotada nesse trabalho, remete-se ao conceito apresentado por Schneuwly e Dolz (2004, p. 82), que definem como sendo “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de

um gênero textual oral ou escrito”. Ou seja, as atividades são desenvolvidas de forma modular, começando com uma apresentação da situação de comunicação e definição coletiva do gênero textual a ser produzido, seguindo com uma produção inicial desse gênero e com atividades diversificadas em diferentes módulos culminando numa produção final.

Como visto, a metodologia de ensino proposta permite ao professor a análise mais cuidadosa do que se ensina, já que ela é desenvolvida obedecendo algumas etapas o que torna, como dito, o processo de ensino mais proveitoso. Ademais, a SD pode ser utilizada por todas as áreas do conhecimento.

Dessa forma, no caso do docente de Língua Portuguesa, o trabalho a partir da SD possibilita uma melhor prática e planejamento por parte do professor e uma aprendizagem sistemática e reflexiva com o gênero ensinado aos alunos. É preciso levar em consideração os contextos de produção. Os módulos da SD irão dispor de exemplares dos gêneros literários, tais quais: conto, crônica e poesia, os quais mostrarão aos alunos que os textos literários possuem uma função social, que produzem e reproduzem efeitos na sociedade.

**Fique atento,
dica importante!**



Ao trabalhar com sequência didática em suas aulas, o professor de Literatura pode partir da concepção de gênero que leva em consideração aspectos sociais e culturais dos alunos. É importante partir dessa premissa porque, por muitos anos, o texto ficou relegado ao trabalho com análise linguística, sendo que o ensino tradicional tomava como unidade de estudo a estrutura da oração e do período. Contudo, de uns anos para cá, começaram a surgir propostas inovadoras de trabalho que tomam o texto como unidade de estudo essencial, ou seja, enxergando como unidade básica da interação verbal.

É importante que o professor tenha em mente que trabalhar os gêneros textuais com seus alunos é uma forma de interagir socialmente, conforme diz os PCNs, o que irá contribuir para que os mesmos tenham mais êxito no processo de ensino-aprendizagem. Também é interessante que esse ensino transcenda as paredes da sala de aula e que o aluno compreenda na prática como se dá esse processo, especialmente no ensino profissionalizante.

Marchuschi (2008) também discute todas estas questões acerca dos gêneros textuais. Para ele, os gêneros são atividades discursivas que têm função de controle social e de exercício de poder. Contudo, em cada cultura a atividade discursiva exercerá uma função distinta e exercerá níveis de poder.

Assim, é importante que toda a

compreensão acerca dos gêneros seja estudada em sala com os alunos, desenvolvendo nestes um pensamento crítico, de forma que passem a reconhecer cada situação sociocomunicativa do gênero, sabendo como se portar diante de cada um. Como diz Tasso (2021), a Literatura mexe com os sujeitos porque atua em seu sentir.



Enfim, conforme Krupec & Cunha (2014), a produção e a implementação de uma sequência didática podem contribuir para o trabalho com determinados gêneros e com os conteúdos que eles tratem. No entanto, não quer dizer que esta tenha que ser uma metodologia predominante no ensino de Literatura. Pode-se lançar mão dela para o trabalho com determinados gêneros, necessários de serem estudados com maior profundidade, o que vai depender do ano escolar abordado, dos objetivos pretendidos para aquele grupo de estudantes e dos conhecimentos prévios identificados nele.

Uma outra noção de SD, e adotada para nosso estudo, é a de Zabala (1998), que divulgou suas pesquisas, nessa área do conhecimento no Brasil, na obra “A Prática Educativa: como ensinar”.

Para o citado autor, a sequência didática funciona como uma atividade fundamentada em objetivos que o docente almeja alcançar, podendo

ser utilizada em diversas áreas do conhecimento e por não serem estáticas, podem ser refeitas e repensadas conforme a finalidade de ensino-aprendizagem seja alcançada ou não.

A partir do pensamento de Zabala (1998), observamos que há fases que compreendem o conteúdo a ser trabalhado, o envolvimento dos alunos e dos professores, além das concepções de aprendizagem e de avaliação. Assim, por conta das intenções educacionais estabelecidas, a sequência didática pode ser organizada com características mais próximas de um ensino tradicional ou omnilateral, a depender da formação e do posicionamento do professor.

No entanto, o estudioso defende que uma sequência didática deve remeter à construção de conhecimento, característica inerente ao ensino produtivo, e que, principalmente, deve ser motivadora, desenvolva autoestima, seja contextualizada, funcional e produza autoconhecimento para os discentes. Para tanto, requer professores transformadores que conduzam os discentes à criticidade em relação aos conteúdos estudados.



O autor mencionado propõe, na sequência didática, algumas atividades, as quais descreveremos abaixo (ZABALA, 1998, p. 63-64): a) atividades que nos permitam determinar os conhecimentos prévios que cada aluno tem em relação aos novos conteúdos de aprendizagem? b) cujos conteúdos são propostos de forma que sejam significativos e funcionais para os meninos e as meninas? c) que possamos inferir que são adequadas ao nível de desenvolvimento de cada aluno? d) que representem um desafio alcançável para o aluno, quer dizer, que levam em conta suas competências atuais e as façam avançar com a ajuda necessária; portanto, que permitam criar zonas de desenvolvimento proximal e intervir? e) que provoquem um conflito cognitivo e promovam a atividade mental do aluno, necessária para que estabeleça relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios? f) que promovam uma atitude favorável, quer dizer, que sejam motivadoras em relação à aprendizagem dos novos conteúdos? g) que estimulem a autoestima e o autoconceito em relação às aprendizagens que se propõem, quer dizer, que o aluno possa sentir que em certo grau aprendeu, que seu esforço valeu a pena? h) que ajudem o aluno a adquirir habilidades relacionadas com o aprender a aprender, que lhe permitam ser cada vez mais autônomo em suas aprendizagens?

Apesar das etapas citadas por Zabala darem a noção de uma certa estabilidade e segurança no método da SD, alguns autores citam possíveis lacunas e insuficiências, o que requer que alterações e ampliações teórico-metodológicas sejam feitas, especialmente se levarmos em consideração que o presente sistema de ensino brasileiro apresenta disparidades abissais, como as condições socioeducacionais e as práticas de letramento dos alunos. A exemplo, Bawarshi e Reiff (2010) citam o modelo brasileiro de síntese, que deixa transparecer a compatibilização das tradições sociológicas e retóricas de gênero com os estudos linguísticos, por exemplo, quando busca somente a eficácia da descrição do funcionamento do gênero e de seu ensino nos diversos níveis de escolaridade.

Dessa feita, percebe-se que há uma crise na formação escolar do ensino profissionalizante, o que obriga o ensino de Literatura a repensar suas finalidades. Isso porque a escola se interpõe entre obra e leitor, e por isso, a Literatura necessita ir além da reafirmação da língua e da cultura nacional. Como bem pontuado por Zilberman (2008), o compromisso da educação literária escolar é maior, pois a carência na formação leitora implica múltiplos obstáculos, como a



incapacidade de lidar com a norma culta, que, por sua vez, corrobora com a incompreensão de uma infinidade de textos, literários ou não, e que acabam dificultando a consolidação do saber.



Caso o ensino de Literatura não seja contextualizado para a formação do discente, até mesmo sua verbalização do pensamento, tanto pela oralidade como pela escrita, se tornará algo dificultoso, o que prejudicará a atuação dos alunos, dentro e, principalmente, fora do segmento escolar.

Na percepção de Guimarães e Kersch (2015), o trabalho com sequências didáticas acaba se restringindo ao domínio do gênero como prática escolar, o que é ineficaz pela superficialidade com que é trabalhada, já que o aspecto social perde o seu lugar. Por conta disso, os autores citados identificam o espaço escolar como uma esfera social e sua relação com outras esferas sociais.

Por conta disso, o domínio do gênero textual não é suficiente, e é preciso que o docente compreenda a sua circulação na comunidade em que os alunos estão inseridos e de quais práticas sociais eles participam, partindo do princípio de que “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.15). Somente assim, será possível a construção de um processo de leitura e de produção de textos eficaz, pois são concebidas como práticas sociais indissociáveis, que surgem de outras práticas da comunidade da qual os discentes participam.

Dessa maneira, na sequência didática a preocupação está em que o aluno tenha domínio do gênero trabalhado, partindo da concepção de que o aprendiz, além de dominá-lo, deve fazer circular fora da comunidade escolar (KRUPEC & CUNHA, 2014).



UNIDADE DE ESTUDO 1 – PROPOSTA DE ATIVIDADE COM O CONTO “BEIRA-RIO”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ESCOLA		FAIXA ETÁRIA	TURMA
ELABORADORA	Tueça Érica dos Santos	15 a 18	1º ANO Técnico Integrado ao Médio em Agropecuária
PROFESSOR/A			
PERÍODO			
CARGA HORÁRIA	4 horas		
OBSERVAÇÕES	• Comunicar como a atividade será desenvolvida • Acolher os estudantes e apresentar a proposta de letramento literário a partir da leitura do conto. • Enquanto dialoga, os alunos tomam notas e intervêm coletivamente acerca da proposta das atividades. • Ainda neste momento se discute como será a avaliação conforme a participação e a entrega das atividades solicitadas.		
TEMA GERADOR /SUBTEMAS	LITERATURA E OS JOVENS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. Estimular o estudante para a prática da leitura literária dentro e fora da sala de aula;		
EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM	Possibilitar que os discentes percebam a relação entre o conto lido com os contextos sociohistóricos nos quais estão inseridos; Permitir uma discussão sobre a função social do conto, levando em consideração as noções de trabalho profissionalizante e educação. Disponibilizar o conto para os estudantes e pedir a leitura individual, a qual pode ser realizada em casa, previamente.		
ABORDAGEM DIDÁTICA (Desenvolvimento da prática pedagógica)	Caso não consiga imprimir alguns, pode disponibilizar em mídia para os estudantes que não puderem tirar suas cópias. Realizar uma leitura coletiva na escola. Realizar uma segunda leitura coletiva em sala, mas, dessa vez, permitindo que os estudantes possam intervir, conversando sobre o conto. A(O) professor(a) será então mediador(a) para facilitar o processo de aprendizagem sobre o texto.		

ORGANIZADORES DA AÇÃO PEDAGÓGICA

(Como serão organizados os: espaços, materiais, tempo, distribuição em grupos, relação entre professor e alunos)

AValiação

Roda de conversa a partir de uma situação problema para identificar o conhecimento prévio (a partir de um vídeo ligado ao conto trabalhado).

Caso não tenha um vídeo, pode ser uma imagem que permita esta dinâmica;

Em seguida, deve-se instigar a reflexão e permitir a fala livre dos/as estudantes.

Textos impressos: Disponibilizar impresso ou por mídia (uso de mídias sociais – celular) o texto para que os alunos realizem uma leitura em casa (20 minutos).

Datashow – Projetar - Leitura do conto Beira-Rio, de Carlos Drummond de Andrade, do livro Contos de Aprendiz, em sala (30 minutos).

Direcionamento impresso - Apresentar as atividades sobre o conto, que podem ser respondidas individualmente, em dupla ou em grupo.

Essa organização considerará a realidade de cada sala de aula. Projetar no Datashow - Fazer a proposição e sugestão de atividades (30 minutos).

Datashow – Projetar a correção das atividades de forma dialogada (30 minutos).

Apresentações – 130 minutos.

A avaliação será formativa, levando em consideração a participação dos alunos, dentro do âmbito escolar, mediados pelo professor, sem deixar de lado o contexto sócio-histórico atual do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o aluno obedecendo aos critérios a seguir, em menor ou maior grau, será avaliado, de forma individual, nas categorias: Plenamente Satisfatório, Satisfatório e Não Satisfatório.

Critérios Avaliativos:

– Participação oral: Expressividade na argumentação leitora, nos momentos de debate e discussão.

– Participação em grupo: Respeito a opinião dos outros, colaboração nas atividades exigidas e solicitude com os integrantes do grupo.

– Aspectos específicos do gênero literário: Compreensão do gênero conto, da sua forma e funcionalidade em sociedade.

– Gravação e exposição de um vídeo curto, pelo Reels, TIK TOK, TiKonto, e/ou outro aplicativo de criação de vídeos: O conto deve ser narrado pela perspectiva do estudante, após a leitura de Beira-Rio do Drummond.

Beira-Rio

A OESTE ficavam os terrenos da Companhia, onde tinham começado as obras para instalação da grande indústria. A leste improvisara-se uma cidade, residência de diretores, técnicos e operários, chamada Capitão Borges, em honra do desbravador daquele sertão. No meio ficava o rio, que se atravessava de balsa.

Sete da manhã, e o trabalho principiando no campo. O apontador chegava ainda com escuro, porque não conseguia dormir na casinha de pau-a-pique onde ele, mulher e filhos viviam como que em depósito, à espera de vaga na vila proletária. Os mosquitos resistiam a tudo, e o fio de som que emitiam no voo lento, indo e vindo, tecia sobre a cama uma espécie de cortinado. A mão, levantando-se, dilacerava a trama, que, contudo, logo se recompunha, e tão constante no seu dom de irritar, que, se por acaso cessasse um momento, o silêncio feria por sua vez, inesperado. Então o apontador ia acordar o balseiro, e os dois, cortando o rio, presenciavam calados o nascimento do sol, que do campo em ruínas, na outra margem, ia tirando pouco a pouco uma usina em construção.

O dia de trabalho espichava-se por oito horas legais e mais duas de prorrogação, sem pagamento. A Companhia tinha pressa na execução do programa. Como não restassem trabalhadores a recrutar, na região, exigia-se de todos um esforço maior. Quanto à remuneração desse suplemento de serviço, falava-se que iria formando um bolo para o operário receber, acabada a obra, ou quando se retirasse. Falava-se. Mas ninguém sabia nada ao certo. E fiscal do Ministério do Trabalho, naquelas brenhas... você viu?

Na barranca do rio, do lado de Capitão, caboclos macilentos, meio curvados, esperam a balsa. Ela voga a manhã inteira, transportando material e gente. Os homens parecem cansados antes de começar a lida. Os técnicos chegam mais tarde, e é como se para eles não houvesse mosquitos; americanos louros e bem dormidos, que construíram suas casas entre jardins, ou que saem do hotel com ar tranquilo.

Curiosa vila de Capitão, onde há dez refrigeradores e não há esgotos; muitos meninos, e nenhuma escola; um cinema; uma capela novinha, um posto policial, e o imenso armazém; o mais são casas esparsas, cães à procura de ossos; estrumeira de animais marcando a direção dos caminhos; e o cemitério, já com doze corpos.

O hotel é da Companhia; o cinema é da Companhia; o armazém é da Companhia. O posto policial foi instalado a expensas da Companhia, e a capela e o cemitério constituem doações amáveis da Companhia. Mas o único negócio da Companhia é realmente a usina, e se a administração consente em explorar ramos subsidiários, isto se deve a seu espírito benevolente, a seu desejo de servir. — Essas miudezas só dão amolação — explica o subdiretor, que é brasileiro, mas adquiriu sotaque norte-americano.

Em vão procuraríamos um botequim. Não há. É proibido beber. A proibição não está nas leis de um Estado onde se bebe tanto, e mesmo onde se destila cachaça tão fina, sob cinquenta nomes diferentes, e que é fonte considerável de receita pública. Proibição tácita, estabelecida pela Companhia, no interesse dos seus servidores... bem, e no interesse do serviço. O álcool foi rigorosamente proscrito, como o jogo. Verdade seja que há abundância de baralhos e de uísque no grande armazém quadrado. Mas esta é uma seção reservada aos técnicos e à alta administração, que quanto mais bebem e jogam — é admirável — mais trabalham.

O resto — gêneros do país e do estrangeiro, tecidos, objetos de uso — o trabalhador encontra no armazém, ao alcance da bolsa. Por um processo muito simples, que consiste em pedir vale ao escritório, trocá-lo no armazém pelo artigo desejado, e no fim do mês receber do escritório um extrato de conta, datilografado. Por esse extrato ele verifica não ter saldo. Apesar de tudo, dinheiro sempre aparece, é maravilhoso. Um trabalhador, admitido ontem, trouxe consigo oitenta cruzeiros; mulheres há que conseguiram economizar alguma coisa, plantando horta ou lavando roupa; e até mesmo homens acorrentados ao armazém logram de quando em quando, à força de abstenções, receber do pagador da companhia, atônitos, uma cédula de CEM CRUZEIROS.

Esse dinheiro, surgido assim quase clandestinamente, como água que furou cano, mexe-se inquieto na algibeira, quer sair e transformar-se em coisas boas da vida. Não as há em Capitão, fora o cinema, que de resto vive fechado, com enguiço no motor. Então, não podendo usufruir as coisas boas da vida, os trabalhadores contentam-se em obter algo que as represente. A bebida não é coisa boa em si, mas poder de imaginar coisas boas, e, ao mesmo tempo, de furtar-se à tirania dessa imaginação. Novo desaponto: em Capitão também não há bebida. Não há nada. Os homens tomam a balsa, desiludidos.

O apontador veio de uma cidade onde há um bar em cada esquina, o álcool, por assim dizer,

esguicha das ruas. Mas lá se veem tantas outras coisas para distrair o espírito e movimentar os sentidos, que só raramente lhe ocorria beber.

Em Capitão é diferente. A necessidade avança com o dia e não esmorece, antes prossegue ativa noite adentro. Então, organiza-se o comércio subterrâneo de garrafas, e no serviço os trabalhadores aparecem bêbedos, há turmas, desfalcadas. Bebe-se para esquecer, para lembrar, para fazer de conta, para cortar doença, para aguentar o repuxo, para zombar da administração. O subdiretor fareja cachaça no ar, dá ordens ríspidas.

— Quem beber será expulso no sufragante. E quem vender bebida come cadeia — avisam os chefes de turma.

O apontador dobra como um cobertor sua insônia habitual, sai, bate à porta do balseiro — faz frio, a névoa mistura a noite e as águas na mesma indeterminação — e os dois, chegando à margem do rio, percebem com espanto uma sombra movendo-se. Uma sombra com um cigarro, deslocando-se em meio a volumes vagos. A brasa minúscula mostra o queixo de um negro.

— Eh, irmão, que que há? pergunta o balseiro.

— É de paz, irmão. Simplício da Costa, vosso criado, que veio de Pirapora para vos servir.

O balseiro acende o cigarro no pito do outro. O apontador faz o mesmo. Estão amigos. Então Simplício da Costa, vosso criado, explica suas atividades pré-matutinas. Vai montar ali, à beira-rio, bem em frente da balsa, um varejo de cigarros, pastéis e aguardente. Mas aguardente da legítima, não essa água-benta que até menino enjeita.

— Acho bom tu tomar cuidado — previne o balseiro. A Companhia não é brinquedo, enjeriza logo contigo.

O negro riu:

— A Companhia manda do lado de lá do rio. Do lado de cá manda Simplício da Costa, com a autoridade do Governo. Tirei licença do Governo para negociar. Paguei estampilha na coletaria de Guapó. A Companhia não se meta comigo, que eu racho ela, irmãozinho!

Os dois homens estavam fascinados. Na friúra da madrugada, a ideia de cachaça, trazida de longe por um negro de Pirapora, reconciliava-os com a vida. Já não lhes pesava a solidão no mato, a luta noturna contra os mosquitos, a dureza do trabalho pago com salário injusto, o vazio de Capitão. O negro ofereceu-lhes uma “prova”, que ele andava sempre provido de uma garrafinha. E a cachaça chegou mais perto, penetrou neles, aqueceu-os. A manhã nascia, hesitante, mas vinha encontrá-los restaurados e ágeis, como se tivessem menos dez anos.

Começam a chegar os trabalhadores da usina, e travam conhecimento com Simplício da Costa. O negro estende no chão, forrando-os com jornal, os objetos de seu comércio. Ali vai surgir uma tenda sumária, com algumas ripas e folhas-de-flandres, onde os operários encontrarão a única coisa de que realmente precisam, porque dá o esquecimento de todas.

Em algumas horas o negócio de Vosso Criado conquista a confiança pública. Os homens param ali o tempo de se reconfortar, de trocar duas palavras — nas obras, tinham esquecido a conversa — e vão descendo para o rio. Hoje a balsa leva homens menos curvados.

Os grandes da Companhia chegam por sua vez ao ponto de embarque. Na grama há cascas de frutas e pontas de cigarro. Um negro quente sol, montando guarda a uma bitácula. Dentro, no balcão de